



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II À POLÓNIA

2-10 DE JUNHO DE 1979

HOMILIA DO SANTO PADRE DURANTE A MISSA EM NOWY TARG

Sexta-feira, 8 de Junho de 1979

1. «*Do Mar Báltico aos picos das montanhas...»*. *Aos picos dos Tatra.*

Na minha peregrinação através da Polónia tenho hoje ocasião de me aproximar precisamente daqueles montes, precisamente daqueles Tatra que desde há séculos constituem a fronteira meridional da Polónia. Foi esta a fronteira mais fechada e mais resguardada e, ao mesmo tempo, mais aberta e amigável. Através dela passavam *os caminhos que levavam aos nossos vizinhos, aos nossos amigos*. Até durante a última ocupação estes caminhos eram os mais percorridos pelos refugiados que se dirigiam para o Sul, a fim de procurarem depois alcançar o exército polaco, que combatia pela liberdade da Pátria além-fronteiras.

Desejo saudar com todo o coração estes lugares aos quais sempre estive tão intimamente ligado. Desejo, além disso, saudar todos aqueles que vieram aqui, tanto de Podhale como de todos os Pré-Cárpatos, da Arquidiocese de Cracóvia e também de mais longe: das dioceses de Tarnów e de Przemyśl. Permite que me refira ao antigo laço de vizinhança e que vos saúde a todos, como fazia habitualmente, quando era metropolitano de Cracóvia.

2. Desejo falar neste lugar de Nowy Targ, *da terra polaca*, porque ela mostra-se aqui particularmente bela e rica de paisagens. O homem tem necessidade da beleza da natureza e portanto não nos devemos admirar que venham até aqui homens de várias partes da Polónia e do estrangeiro. Chegam tanto de verão como de inverno. Procuram repouso. Desejam *encontrar-se a si mesmos no contacto com a natureza*. Desejam recuperar as suas energias através do salutar exercício da marcha, da subida, da escalada, da descida com os skis. Esta região hospitaleira é

também terreno de grande trabalho pastoral, porque as pessoas vêm aqui não só para fortalecer as forças físicas mas também as espirituais.

3. Esta bela terra é ao mesmo tempo uma terra difícil. Pedregosa, montanhosa. Não tão fértil como o planalto do Vístula. E por isso seja-me permitido referir-me, precisamente nesta terra dos Pré-Cárpatos e dos Pré-Tatra, ao que sempre foi tão querido ao coração dos Polacos: *o amor pela terra e pelo trabalho dos campos*. Ninguém pode negar que isto representa não só um sentimento, um laço afectivo, mas também um grande problema económico-social. Estas regiões conhecem particularmente bem o problema, porque precisamente destes lados, onde havia a maior escassez de terra cultivável e algumas vezes grande miséria, a gente emigrava para longe, para fora da Polónia para além-mar. Ali procuravam trabalho e pão e encontravam-no. Desejo hoje dizer a todos os que estão dispersos pelo mundo, qualquer que seja o lugar onde estiveram: «*Szczesc Bozé!*» Deus vos ajude! Não esqueçam a própria Pátria de origem, a família, a Igreja, a oração e tudo aquilo que levaram daqui. Porque apesar de terem tido que emigrar por falta de bens materiais, daqui levaram consigo, todavia, um grande património espiritual. Que procurem, ao tornarem-se ricos materialmente, não empobrecer espiritualmente; nem eles, nem os seus filhos, nem os seus netos.

O grande e fundamental direito do homem é *o direito ao trabalho e o direito à terra*. Embora o desenvolvimento da economia nos leve noutra direcção, embora se valorize o progresso com base na industrialização, embora a geração hodierna abandone em massa o campo e o trabalho dos campos, apesar disso o direito à terra não deixa de constituir a base de uma economia e sociologia sãs.

Como é necessário que eu durante a minha visita faça votos, com todo o coração me dirijo à minha Pátria para que aquilo que *sempre constituiu a força dos Polacos* — até mesmo durante os períodos mais árduos da história — isto é *a laço pessoal* com a terra, não deixe de o ser também na nossa geração industrializada. Que seja tido em consideração o trabalho dos campos; que seja apreciado e estimulado! E que não falte nunca na Polónia o pão e o alimento!

4. Este voto está unido a outro. O Criador deu a terra ao homem para que ele a «submetesse» — e neste domínio do homem sobre a terra baseou o *direito fundamental do homem à vida*. Tal direito está intimamente ligado com a vocação do homem à família e à procriação. *Por isso o homem abandonará pai e mãe para se unir à sua esposa e os dois formarão uma só carne* (Gén. 2, 24). E como a terra, por providencial desígnio do Criador, dá fruto, assim esta união, no amor, de duas pessoas, homem e mulher, frutifica numa nova vida humana. Desta *vivificante unidade das pessoas*, o Criador fez o seu primeiro sacramento, e o Redentor confirmou este perene sacramento do amor e da vida dando-lhe uma nova dignidade e imprimindo-lhe o sinal da sua santidade. O direito do homem à vida está unido, por vontade do Criador e em virtude da Cruz de Cristo, *ao sacramento indissolúvel do matrimónio*.

Faço pois votos, caríssimos compatriotas, por ocasião desta minha visita, de que aquele sagrado direito não deixe de plasmar a vida em terra polaca: aqui, nos Pré-Tatra, nos Pré-Cárpatos e em toda a parte. Diz se justamente que a família é a célula fundamental da vida social. É a comunidade humana fundamental. *Tal como é a família, assim é a nação, porque tal é o homem.* Faço pois votos por que sejais fortes graças a famílias profundamente radicadas na força de Deus, e faço votos também por que o homem possa desenvolver-se plenamente na base do vínculo indissolúvel dos esposos-pais, no clima familiar que nada pode substituir. Faço ainda votos e peço sempre por isto, *que a família polaca, gere a vida e seja fiel ao sagrado direito à vida.* Se se inflige o direito do homem à vida no momento em que ele começa a ser concebido no seio materno, ataca-se indirectamente toda a ordem moral que serve para assegurar os bens invioláveis do homem. A vida ocupa entre eles o primeiro lugar. A Igreja defende o direito à vida, não só por respeito à majestade do Criador que é *o primeiro dador* desta vida, mas também por *respeito ao bem essencial do homem.*

5. Desejo ainda dirigir-me aos jovens, que amam de modo especial estes lugares e procuram aqui não só o repouso físico mas também o espiritual. «Repousar — escreveu outrora Norwid — significa 'conceber de novo' (em polaco é um jogo de palavras). O repouso espiritual do homem, como justamente o entendem *tantos grupos de jovens* deve levar ao reencontro e à elaboração em si daquela «nova criatura» de que fala São Paulo. A isto leva o caminho da Palavra de Deus lida e celebrada com fé e com amor, a participação nos sacramentos e sobretudo na Eucaristia. A isto leva o caminho da compreensão e da realização da comunidade, ou seja a comunhão com os homens, que nasce da Comunhão Eucarística, e também a compreensão e a realização do serviço evangélico, isto é a «diaconia». Meus caríssimos, não deveis desistir daquele nobre esforço que vos permite *tornardes-vos testemunhas de Cristo.* Testemunha, na linguagem bíblica, significa mártir («martyr»).

Confio-vos à Imaculada, à qual o Beato Maximiliano Kolbe confiava continuamente todo o mundo.

Confio-vos a todos à Mãe de Cristo que aqui nas proximidades reina como Mãe no Santuário de Ludzmierz, e também no que se ergue no coração dos Tatra em Rusinowa Polana (quanto amou esse lugar o Servo de Deus Frei Adalberto, quanto o admirou e amou do seu Ermo em Kalatowkik), e em tantos outros santuários erguidos aos pés dos Cárpatos, na Diocese de Tranow, de Przemyśl... a Este e a Oeste. E em toda a terra polaca.

Que o património da fé de Cristo e da ordem moral sejam conservados por Santo Estanislau, bispo e mártir, padroeiro dos Polacos, testemunha de Cristo desde há séculos na nossa terra pátria.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana